

**DESENVOLVIMENTO, DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS E
VIOLÊNCIA URBANA: UM OLHAR PARA O DISTRITO DE
ICOARACI EM BELÉM, PA**

*DEVELOPMENT, SOCIO-SPATIAL INEQUALITIES AND URBAN
VIOLENCE: A LOOK FOR ICOARACI DISTRICT IN BELEM, PA*

Marcelle Peres da Silva

Universidade Federal do Pará
marcelleperes05@hotmail.com

RESUMO

As discussões acadêmicas voltadas à temática da violência vêm crescendo ao longo dos anos em diversas ciências. A geografia, nesse aspecto também trabalha a temática seja ela no cenário urbano ou rural. No Brasil, a violência tem-se manifestado de forma latente, transformando a vida da população, criando situações e sensações de medo e insegurança, que possuem influências geradas pela forma de desenvolvimento adotada, crescimento urbano acelerado e a precarização das condições de vida nas grandes cidades. No estado do Pará, em especial na cidade de Belém, estas situações também se apresentam, porém, com suas particularidades. Nesse sentido, o artigo foi produzido com o intuito de compreender o desenvolvimento da Amazônia paraense e as suas influências no processo de produção do espaço urbano belenense, bem como do Distrito de Icoaraci e como tais processos podem influenciar na violência urbana crescente no Distrito. Para isso, foi feita uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos, em que foi percebido como a produção do espaço urbano em Icoaraci possui influências do modelo de desenvolvimento exercido na Amazônia e como isso gerou espaços desiguais e também de violência e criminalidade.

Palavras-Chave: Desenvolvimento; Desigualdades; Violência; Criminalidade.

ABSTRACT

Academic discussions focused on the theme of violence have been growing over the years in various sciences. The geography in this respect also works the issue whether in the urban or rural scenery. In Brazil, violence is manifested latently, transforming the lives of the population, creating situations and feelings of fear and insecurity that have influences generated by the form of development adopted, rapid urban growth and the deterioration of living conditions in large cities. In the state of Pará, especially in the city of Belém, these situations also present, however, with its peculiarities. In this sense, the article has been produced in order to understand the development of Amazon in Pará, and its influence in the production process of the urban space of Belém as well as the Icoaraci District and how such processes can influence the growing urban violence in the District. For this, it was made a literature review about the concepts. In what was

perceived how the production of urban space at Icoaraci has influences exercised of the development model in the Amazon and how it created unequal spaces and also of violence and crime.

Keywords: Development; Inequalities; Violence; Criminality.

INTRODUÇÃO

Diversas ciências dedicam-se ao tema da violência e criminalidade urbanas, a Geografia nas últimas décadas, em especial a partir da década de 1970, também vem propondo-se ao estudo desses temas, explorando a dimensão espacial da criminalidade através de uma sub-disciplina denominada Geografia do Crime. Nesse âmbito a Geografia contribui para esse debate uma vez que a violência carrega um forte componente espacial, que se faz notório por meio da identificação de padrões específicos em sua distribuição espacial, e com o intuito de obter uma análise mais complexa do problema, aliam-se os estudos, aos recursos oferecidos atualmente pelos Sistemas de Informações Geográficas (SIG's) e pela Estatística Multivariada (BATELA, 2008; LETNER; LeBEAU, 2011). Trata-se então de um fenômeno complexo e multifacetado.

No entanto é preciso ir além do componente espacial e procurar entender a manifestação desses fenômenos por meio do contexto social e da própria produção do espaço urbano e das relações que possuem com as manifestações de violência e criminalidade. Pois a ciência geográfica vai para além de entender a violência e a criminalidade por meio das ferramentas cartográficas. A produção do espaço, a condição social, e os macroprocessos, dentre eles, o desenvolvimento, são importantes para pensar a temática.

Nesse caminho, o objetivo principal desse artigo pretendeu entender como o desenvolvimento regional amazônico paraense influenciou na produção do espaço urbano da cidade de Belém, em especial do Distrito de Icoaraci. Como objetivo específico, buscou-se compreender como os processos de desenvolvimento e produção do espaço belenense e icoraciense poderiam influenciar na manifestação, surgimento da violência e criminalidades urbanas no Distrito. Assim, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender de forma geográfica como acontece a disseminação da criminalidade e da violência em Icoaraci, distrito de Belém, principalmente no que

tange aos processos de produção do espaço e desigualdades socioespaciais possibilitando assim, uma análise socioespacial das ocorrências e influências da criminalidade e violência no espaço urbano da cidade de Belém e logo, de Icoaraci. Para isso, é necessário ter em mente a constituição de seus bairros. O Distrito é formado por nove bairros (Cruzeiro, Agulha, Águas Negras, Campina de Icoaraci, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa e Tenoné).

A metodologia necessária ao desenvolvimento deste trabalho encontra-se primeiramente baseada em um levantamento bibliográfico e documental, na qual foram utilizadas temáticas referentes a desenvolvimento da Amazônia paraense, produção do espaço, desigualdades socioespaciais, violência urbana e criminalidade, realização de uma revisão conceitual acerca das temáticas e a partir deles, foi feita uma análise do objeto de estudo. Sendo assim, em um primeiro momento do texto, apresenta-se uma abordagem do desenvolvimento da Amazônia paraense e da produção do espaço belenense. A abordagem da produção do espaço em Icoaraci relacionado com Belém dar-se-á no segundo momento do texto, partir de sua segunda fase, em meados dos anos 1950, também procurando mostrar as desigualdades e contradições geradas no distrito e possíveis influências na violência e criminalidade.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL AMAZÔNICO E AS INFLUÊNCIAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE DE BELÉM

Para Loureiro (2009) as novas frentes da fronteira amazônica, abertas nas últimas décadas pelo mercado internacional, a exemplo do desenvolvimento de novas atividades produtivas, como as chamadas commodities, grãos, especialmente a soja, a siderurgia a carvão vegetal e outras, destinadas ao mercado global são consideradas “modernas”, no entanto, em verdade essas atividades ditas “modernas” estariam por restaurar formas arcaicas de concentração de renda e de exclusão social, além de implicar em graves danos ambientais, confrontos, resistências e conflitos. Loureiro (2009) afirma que as políticas desenvolvimentistas tem efetivado mais exclusão social e pobreza do que o bem estar generalizado para todas as camadas sociais da região, conforme revelam os indicadores regionais quando comparados com outras regiões brasileiras.

Segundo a autora, o que existe hoje na região trata-se de uma enorme desigualdade social, acompanhada da crescente violência, com base no modelo

hegemônico de desenvolvimento onde nos situamos como região periférica explorada. Quadro que merece ser debatido e mudado. Tal desigualdade seria também expressão de uma economia e políticas desenvolvimentistas que não visam a sociedade regional local, e sim os agentes externos, como se pode observar no trecho a seguir:

A economia encontra-se articulada por relações sociais de exploração solidamente estruturadas. Alimentam uma cadeia de transferência de riqueza material da região, favorecendo os grandes centros do sistema econômico ocidental e esvaziando a região de suas riquezas, que estão sendo rapidamente consumidas e esgotadas. A riqueza que fica retida na região é concentrada por segmentos privilegiados da sociedade regional. (LOUREIRO, 2009, p. 22).

Nesse sentido, a autora afirma que os impasses e as contradições sucedem-se e assumem formas agudas desde os anos 1970, desencadeadas pelas políticas desenvolvimentistas e, pela respectiva legislação para a Amazônia dos governos de ditadura militar. Essas políticas procuravam atrair grandes blocos de capitais privados, multinacionais e nacionais, para realizarem investimentos na Amazônia. Situação que facilitava e continua facilitando a acumulação de capital e a concentração da terra e de renda gerada pelos novos investimentos, em detrimento dos demais componentes da população. Quadro que também irá marcar a produção do espaço urbano belenense.

Assim, o processo de produção do espaço urbano da cidade de Belém ocorreu proporcionando a expansão da mancha urbana em dois eixos: o primeiro que leva em direção ao Município de Ananindeua, localizado na porção Leste da cidade, por meio da efetiva ocupação da BR-316, e o prolongamento da Avenida Almirante Barroso; e no sentido norte, em direção ao distrito de Icoaraci, acompanhando a abertura e ocupação da Avenida Augusto Montenegro, e também por meio da orla da baía do Guajará, representado pela Avenida Arthur Bernardes, caracterizando vetores de expansão da cidade.

Acerca da expansão urbana da cidade de Belém, podemos considerar que ela se deu sobretudo nas formas de ocupação do solo principalmente do centro da metrópole, valorizando-o. Como expressa Dias (2007):

Portanto, é importante ressaltar que o crescimento demográfico na RMB é resultante da migração interurbana e intraurbana. No primeiro caso, esse processo está relacionado ao próprio movimento demográfico na metrópole; enquanto o segundo é resultante do movimento em nível do Estado, da região e do país, sendo responsáveis pela elevação dos contingentes populacionais, quando a cidade de Belém passou a ser um pólo de atração naquele momento.

Diante dessa situação, foi intensa a pressão por solo urbano na cidade, tornando a área central, cada vez mais valorizada. (DIAS, 2007, P. 198).

Assim, com o valor voltado para o centro, o crescimento de Belém ocorreu produzindo a periferia, que passa a ser o local de morada da classe trabalhadora e de certa maneira mais humilde, pois os terrenos eram mais baratos, porém apresentavam muitos problemas de saneamento em especial, e outras carências. “Paralelo a esse processo, o Estado projeta, na área de expansão, a construção de inúmeros conjuntos habitacionais para diferentes segmentos sociais.” (DIAS, 2007, p. 198).

Portanto, a concentração populacional na periferia da cidade sofre intensificação principalmente porque na década de setenta, com a criação da Região Metropolitana de Belém (RMB), associada ao fracasso de projeto de colonização nas áreas de expansão da fronteira amazônica, passando por um processo de êxodo rural, essa população migrante ao chegar às áreas urbanas, passaram a se concentrar nas principais cidades ligadas pelas rodovias federais em busca de melhores condições de vida, ocasionado a concentração de grande número de pessoas em espaços carentes de infraestrutura e de serviços de modo geral que garantissem melhores qualidades de vida a estas populações.

Acerca dessa migração da população do ambiente rural para as cidades, impulsionando o processo de urbanização e periferias urbanas, é analisado por Loureiro (2009) da seguinte forma:

Os caboclos da região, ao contrário dos índios, não se identificaram, na altura do processo de integração da região ao país conhecido como o “ciclo das estradas”, como povos específicos e sim como brasileiros comuns, porém pobres, o que tornou sua organização mais difícil, sua situação mais vulnerável e conferiu menor visibilidade a injustiça a que estão submetidos. Nestas condições, os caboclos não lograram marcar mais vigorosamente o espaço público com suas reivindicações, e foram gradativamente desenraizados de suas terras e culturas ribeirinhas, assimilados pela sociedade global e em grande parte inseridos nas periferias urbanas na condição de subcidadãos. Os migrantes parecem ter oferecido maior resistência que os caboclos à expulsão. E, embora acabem também por abandonar suas terras de trabalho para viver nas periferias urbanas, como já vem de outras terras onde não encontraram ou não conseguiram manter condições de sobrevivência, muitos resolvem permanecer na terra, lutando por ela. (LOUREIRO, 2009, p. 55-56).

Nesse contexto, a constituição da Região Metropolitana de Belém está inserida em uma política de Estado com forte intervenção no espaço urbano, tendo a capital como área principal e que centraliza as melhores oportunidades de emprego, trabalho,

serviços públicos, tornando-a por muito tempo um pólo de atração na região. Sobre a produção do espaço tendo o agente estatal como intenso atuante desse processo, Gottdiener (2010, p. 269) afirma que:

Além dos programas e políticas nacionais, o Estado local também se envolve na produção de espaço, principalmente como um regulador do desenvolvimento do uso da terra ou manipulando a arrecadação tributária para subsidiar o desenvolvimento econômico e da propriedade. Já que a ideologia funcional da vida municipal envolve a legitimação do impulso de crescimento econômico e como o controle da terra é o poder principal através do qual as jurisdições locais podem regular o setor privado, líderes políticos municipais e interesses organizados em torno do desenvolvimento da terra formam muitas vezes como que uma corporação de desenvolvimento imobiliário, juntando governo e empresários para criar uma rede pró-crescimento. Essas redes constituem o modo principal pelo qual a transferência local da terra se transforma num motor para a produção de espaço.

Sobre esse movimento do capital ser inserido na Amazônia com o apoio das políticas estatais, Marques (2010) afirma que a maior presença dos grupos econômicos industriais e financeiros instalando suas empresas na Amazônia foi acompanhada e incentivada pelo governo brasileiro que garantiu esse processo a partir da reelaboração da legislação e das políticas de incentivos a essa forma de ocupação, fortemente induzida pelo Estado e em ritmo acelerado a partir dos anos 1970.

Marques (2010) acredita que o processo de desenvolvimento sob o olhar das políticas estatais vingou de certa forma, com sucesso, por essa lógica, veremos que não houve um fracasso do projeto de desenvolvimentista da Amazônia. Tendo em vista que o mesmo foi elaborado a partir e para a acumulação de capital e cumpriu este objetivo, segundo o autor. Agora se o olhar se volta para as populações tradicionais, a grande massa populacional da região, as classes trabalhadoras, assim pode-se constatar o insucesso desse modelo de desenvolvimento hegemônico que foi imposto para a Amazônia.

Os grandes projetos mineradores, agropecuários que nela foram instalados não tinham como público alvo a ser beneficiado a população local e sim o grande capital. Nesse sentido, segundo Marques (2010), não houve uma política de desenvolvimento regional amazônico, mas sim uma política nacional de desenvolvimento para a Amazônia, que colocava os recursos regionais subordinados aos interesses do desenvolvimento nacional. No plano global e nacional o que buscou-se foram objetivos que a Amazônia cumprisse, o papel de fornecedora de matérias primas dentre outras benéficas que ela deveria cumprir dentro da acumulação capitalista brasileira.

Dessa forma, apesar do discurso desenvolvimentista gerador de melhorias para a população como um todo, pode-se visualizar que não se deu nem continua sendo exercido de forma homogênea. Como afirma Becker (2009) ao visualizar a cidade de Belém como dinâmica, encontrando-se as maiores densidades demográficas da Amazônia, relativamente maiores índices de renda per capita e de desenvolvimento humano, no entanto, verifica-se como uma das cidades com maior desigualdade social e problemáticas de violência urbana. *“Os serviços e equipamentos não são acessíveis a todos, grandes parcelas da população vivem em áreas periféricas insalubres e exercem atividades no setor informal da economia, gerando variados movimentos reivindicatórios de cidadania, sobretudo em Belém (...).”* (BECKER, 2009, p. 148).

ICOARACI: PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DESIGUALDADES E VIOLÊNCIA URBANA.

Em Icoaraci, tal dinâmica não é diferente, para entender como a violência chegou ao distrito é necessário considerar a formação e estruturação de seu espaço, podendo ser observada em quatro fases distintas, porém interligadas, o que segundo Dias (2007) reflete a própria dinâmica do espaço regional amazônico. A produção do espaço em Icoaraci é realização da formação e estruturação de seu espaço, observada em quatro fases, como mencionado¹. No entanto, o marco da produção do espaço deu-se no período da segunda fase, estendida à segunda metade do século XIX já se caracteriza por algumas mudanças no espaço Icoaraciense, pois é elevada à categoria de Vila até a década de 1950, quando ocorreu a transformação em Distrito Administrativo do município de Belém, um longo período em que também passou a ser local de segunda moradia da população da cidade. Nessa fase, também ocorreu a implementação das primeiras atividades de caráter econômico, como as indústrias de base local e as atividades comerciais voltadas a atender a área do entorno. Atividades essas, que como afirma Dias (2007), foram fundamentais para a produção da cidade e para o processo de migração populacional das microrregiões que passaram a buscar no lugar possibilidades de relações de sobrevivência.

¹ Dias (2007) acredita que reflete a própria dinâmica do espaço regional amazônico. A primeira fase teria início no século XVIII a partir da doação de terras que originou as fazendas Pinheiro e Livramento no século XIX.

Por volta de 1950 até os anos de 1970, tem-se início a terceira fase. Marcada essencialmente pelo processo de integração do distrito a metrópole paraense e sua redefinição no espaço urbano local. Período em que era forte a atividade industrial de base tradicional, voltada ao beneficiamento da matéria-prima regional com capital de base regional e local, além da expansão do núcleo urbano, anexação de áreas com base rural que deram origem a novos bairros, acrescida pelo crescimento demográfico a partir do crescimento vegetativo e da migração. Para Dias (2007), a quarta fase inicia-se na década de 1970 e perdura até os dias atuais. Sendo aqui levantada a intervenção do Estado no espaço regional de maneira intensa, por meio de programas, projetos e políticas, objetivando a todo vapor o desenvolvimento da região, acarretando diversas consequências no processo de produção do espaço urbano.

Inicialmente Icoaraci tem sua expansão urbana por meio da ocupação de áreas livres e firmes, que originaram bairros tradicionais, como o do Cruzeiro e da Ponta Grossa. Nessas áreas, o processo de intervenção do homem sobre a natureza foi exercido imediatamente e de forma efetiva, marcando o início do processo de ocupação, apropriação e dominação do espaço (DIAS, 2007). Mais tarde, passam a serem incorporados novos espaços, mais afastados da orla, que originaria o atual bairro da Campina, interiorizando-se cada vez mais.

Conforme o Distrito crescia, concentrando atividades de cunho industrial, como madeira, alimentícias, metalúrgicas, além de atividades comerciais, residenciais e de serviços, houve um processo de migração de força de trabalho, visto que as pessoas passaram a buscar no distrito, alternativas de trabalho e de moradias, passando a fazer pressão pelo solo urbano (DIAS, 2007). Desse modo o solo urbano logo passou a ser mercadoria restrita, ou melhor, acessível somente àqueles que dispunham das condições para a sua aquisição. Tais acontecimentos levaram boa parte desses migrantes a procurarem alternativas diferentes de ocupação e apropriação de terras, proporcionando problemas variados, devido à forma como o distrito foi sendo ocupado ao longo do processo, confundindo-se com a lógica imprimida na produção do espaço da cidade de Belém e provocando os problemas que podem ser observados no momento atual.

Assim, a organização socioespacial de Icoaraci também foi alterada em virtude de um significativo crescimento populacional ocasionado, principalmente, por movimentos migratórios. A população passou de 94. 117 habitantes, registrados no ano

de 1998 (IBGE, 1998), para 133. 150 habitantes, no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (IBGE, 2000) e atualmente conta com 167. 035 habitantes (IBGE, 2010).

Dias (2007) compara esse processo de ocupação do Distrito à dos bairros do Guamá, Cremação, Sacramento, Jurunas, Pedreira, Fátima, Terra firme, no início do século XX, que caracterizavam áreas mais afastadas do centro histórico, formando as atuais periferias, pois segundo ele, o processo foi muito semelhante, destinado a assentar as populações pobres, distantes da Área Central da cidade. Dessa maneira, fica visível que o processo de produção do espaço de Icoaraci, ao longo das últimas décadas, possui relações intrínsecas com o próprio processo de expansão da cidade de Belém.

Costa (2007), afirma que a dinâmica produtiva e socioespacial de Icoaraci de forma mais intensa está inter-relacionada com o processo de expansão e apropriação do espaço urbano de Belém ocorrido entre os anos de 1960 e 1990. Acerca dessa inserção do Distrito de Icoaraci no contexto da expansão urbana de Belém, Penteado (1968) e Trindade Jr. (1998) identificam esse cenário como um processo de conturbação e de suburbanização do Distrito em relação à capital do Estado. Sendo demonstrado, por este último autor, que diversos espaços surgidos em Belém nos últimos anos estão localizados na área correspondente ao Distrito de Icoaraci e no eixo de expansão em direção a ele, denotando a integração efetivada entre esses dois espaços.

Nesse âmbito, o crescimento urbano de Icoaraci gerou bairros dicotômicos e desiguais, além de ser vista como periferia de Belém, passando por problemas estruturais, ambientais, sociais em que sua população clama por melhores condições de vida, já que somados a todos os problemas herdados pelo processo de ocupação da área, atualmente percebe-se o aumento da violência e da criminalidade no geral, com os mais diversos tipos de crimes, que podem ser encontrados no distrito. Acerca disso, reforça Dias (2007):

Esse tem sido o eixo norteador do crescimento urbano das cidades capitalistas, pois à medida em que Icoaraci se expande, não deixa de apresentar inúmeros problemas. O crescimento carrega em suas entranhas inúmeras contradições, como o de atrair para as áreas onde o fenômeno está ocorrendo, grande contingente populacional que passa a pressionar por serviços públicos, como: escolas, hospitais, transporte coletivo, habitação, limpeza urbana etc., na qual nem sempre são capazes de serem atendidos de acordo com a demanda. Obviamente que as carências em infraestrutura e serviços serão supridas em determinados períodos, desde que haja interesse do poder local e/ou para a realização do capital. Não podemos perder de vista que o processo de produção, reprodução, dominação e apropriação produzem danos ao ambiente, já que passam a concentrar pessoas em áreas cada vez mais exíguas, gerando violência, criminalidade, entre outras, em função dos

conflitos sociais inerentes a uma sociedade dividida em classes. (DIAS, 2007, P. 221-2)

Na vida e cotidiano em sociedade, falar em violência tem sido cada vez mais presente, pois segundo Chagas (2015) se transformou em uma forma de ver e viver o mundo do homem moderno. No Brasil, a violência é um dos fenômenos mais alarmantes nas últimas décadas e que cada vez mais tem preocupado a população. Evidências empíricas apontam para um crescimento de quase todos os tipos de crimes, principalmente nos grandes centros urbanos, muitos textos acadêmicos também vem discutindo a temática em suas pesquisas, em razão do crescimento da violência tem chamado à atenção e alavancado estudos em diversas áreas das ciências sociais.

De fato, as desigualdades brutais no território brasileiro sempre existiram, porém, segundo Fausto (2001), a “escala da violência” é coisa recente, pois está vinculada a um modelo de desenvolvimento capitalista que não só radicalizou a desigualdade como converteu o consumismo em ideologia avassaladora dominante. Pode-se dizer que esse processo se tornou constante nas cidades, como Belém, pois o processo de urbanização que se vê, é extremamente excludente, pois a desigualdade socioespacial coloca a margem da cidade formal os segmentos de menor ou nenhum poder aquisitivo, deixando-os habitarem espaços que não são de interesse do grande capital no momento. Em Belém, a elevação do índice de violência, está diretamente relacionada ao processo desigual de produção do espaço (GOTTDIENER, 2010) o que produz espaços desiguais de pobreza e com precários indicadores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas, percebeu-se que Icoaraci passou por diferentes etapas de desenvolvimento como resultado da própria expansão do capital, no local, ao longo desses últimos anos, tendo como consequência uma gama de problemas, entre eles as disparidades entre seus bairros e a própria violência crescente. O distrito de Icoaraci então, se produziu se produz e reproduz como área resultante da dinâmica da reprodução do grande capital instalado na Amazônia em diferentes épocas da nossa história de ocupação regional. Esse capital que visava apropriar-se de recursos naturais da região encontrou condições favoráveis para instalarem-se na região, oferecidas pelo Estado planejador, que se mostrou à disposição dos capitalistas, num determinado

momento. Assim, as formas de exclusão no processo de modernização da Amazônia tem se apresentado mais abrangentes e duradouras que os de inclusão social, que influenciaram na produção do espaço icoaraciense.

Nesse sentido, considera-se que o processo de ocupação de terras urbanas originou o surgimento de inúmeros bairros na periferia da metrópole belenense. Tal processo de certa forma conta com a participação e intervenção da figura do Estado atuante no espaço, agente de grande poder no que se refere ao processo produção do mesmo. Tais processos geraram desigualdades socioespaciais em Icoaraci e possivelmente a produção do espaço gerou manifestações de violência urbana e criminalidade que encontraram condições de se estabelecerem.

Portanto, a Geografia em meio a esses estudos e temática, se configura como uma importante e poderosa ciência, ao dialogar com outras que procuram decifrar o problema multifacetado da violência e criminalidade urbanas, pois visa estudar com suas peculiaridades e ferramentas cartográficas, por exemplo, as particularidades de cada espaço, caracterizando o estudo como interdisciplinar. Olhando para a problemática das manifestações de violência e criminalidade urbanas a luz do desenvolvimento e produção desigual do espaço a partir de uma escala local, intrinsecamente relacionada a uma dinâmica nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

- BEATO FILHO, C. C. *Crimes e Cidades*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012.
- BECKER, B. *Geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond. 2009.
- COSTA, L. M. G. da. *Icoaraci: formação socioespacial, tentativas de afirmação e de emancipação territorial*. Belém. Dissertação (Mestrado em Geografia – Organização e gestão do território). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2007.
- CHAGAS, C. A. N. Projeto de pesquisa: Território, Rede e Violência: agentes territoriais e os homicídios nas cidades de Belém, Ananindeua, Marabá, Parauapebas, Macapá e Palmas. Projeto BRA/04/029 - *Segurança Cidadã: Pensando a Segurança Pública - Edição Especial Homicídios*. Edital de Convocação n. 001/2015. Belém: Universidade Federal do Pará. 2015.
- DIAS, M. B. *Urbanização e ambiente urbano no Distrito Administrativo de Icoaraci, Belém – PA*. Belém. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2007.

FAUSTO, B. *Crime e Cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2. ed. São Paulo: Edusp. 2001.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP. 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Belém/PA: IBGE, 2010 e 2011. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censos demográficos 1950, 1980, 1991, 2000 e 2010*. Disponíveis em: [www.ibge.gov.br.]. [07 jan. 2016].

LEBEAU, J. L.; LEITNER, M. Focus: spatial methodologies for studying crime. Introduction: progress in research on the geography of crime. Volume 63, Number 2. *The Professional Geographer*. Association of American Geographers: 2011, pp. 161-173.

LOUREIRO, V. R. *A Amazonia do século XXI – novas formas de desenvolvimento*. São Paulo: Emporio do livro. 2009.

MARQUES, G. *A incorporação amazônica no desenvolvimento regional brasileiro*. Revista de Estudos Paraenses. Edição especial. Belém: Idesp. 2010.

PENTEADO, A. R. *Belém do Pará – estudo de Geografia urbana*. Vol 2. Belém: UFPA. 1968.

TRINDADE Jr., S. C da. *A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana*. Belém. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1998.

Recebido para publicação em 27 de outubro 2016
Aceito para publicação em 08 de novembro de 2016